

## A BRASILIDADE DE LUÍS CAMARGO PARA A INFÂNCIA: CONTE ESTA HISTÓRIA

Vera Lucia Chiavini\*

**Resumo:** *Sob um enfoque holístico, o artigo faz a apreciação de quatro obras de Luís Camargo, escritor e ilustrador de livros infantis, obras essas em que a personagem principal é um boneco, construído de objetos da vida cotidiana. A análise, baseada numa prática pedagógica vivenciada com crianças em início de escolaridade, volta-se para os aspectos lúdicos e animistas das histórias, as quais recuperam elementos das raízes culturais brasileiras por meio de uma linguagem carregada de significado para a infância.*

**Abstract:** *Under a holistic point of view, the article makes an appreciation of four works from Luís Camargo, a writer and illustrator for children's books; in his works, the main character is a puppet made of everyday life objects. The analysis, based on the pedagogical practice experienced by the author during activities with young school children, is about the animistic and gamesome aspects of the stories, which recover some elements of Brazilian cultural roots by means of a language which is full of significance for childhood.*

Há algum tempo já existe uma preocupação bastante grande relativa à conservação do Planeta Terra e, paralelamente, ocorre o re-pensar do papel da humanidade dentro de um contexto social cuja tecnologia, com seu avanço generalizado, deveria ser capaz de produzir uma facilitação da vida. Entretanto, apesar de ter conquistado o espaço dos céus e o fundo dos oceanos, de ter diminuído as distâncias, agilizando as comunicações, e, ainda, de ter dilatado a longevidade, o Homem não conseguiu eliminar a fome, as injustiças, o desrespeito pelo próximo e pela natureza, não logrou sequer encontrar uma forma concreta de felicidade, esse estado de graça tão almejado e mesmo assim tão quimérico. A riqueza e sua fruição permanecem nas mãos de poucos e a busca desenfreada de bens materiais produz desequilíbrios cada vez mais danosos. Tanto, que vozes se levantam evocando a

necessidade de um movimento em direção ao mundo interior, para prover o reencontro do Homem consigo mesmo. Dessa maneira, a meditação, a alimentação natural, o amor no seu sentido mais amplo, a liberdade, a conquista da indentidade pessoal etc. são lembrados como alguns dos meios possíveis de reação a uma racionalidade opressora e configurariam uma tentativa de re-humanização da nossa raça. Os que assim pensam rejeitam uma concepção cartesiana de vida - que se concretiza no dualismo metafísico em que a razão é priorizada - conceituando o ser humano como uma totalidade, corpo/alma, realidade/fantasia, racionalidade/sentimento, indivisível, portanto. Nesta visão holística de existência - "holos", do grego, "inteiro", "completo" - o corpo é a caixa que aloja o cérebro que, por sua vez, dirige o corpo, relação complexa e indissolúvel na qual se postularia, do início ao fim, o ciclo da vida. Descoberto esse Eu, menos deificado,

---

\* Coordenadora de Oficina Pedagógica da Delegacia de Ensino de São Carlos - SP.

entrementes mais rico e generoso, o Homem, gregário que é, tentaria se compreender como Ser Coletivo. E buscaria suas raízes culturais, não como valor etnocêntrico, mas como força que se opõe à alienação e ao exercício do poder. Da natureza individual ao caráter social, esse caminho demanda lutas interiores e exteriores, pois palmilhá-lo, e conclamar ideais entrevistos em estados de lucidez reveladora, pode significar abalo em relação a si mesmo e à hegemonia estabelecida. Mas, como também implica em sabedoria, poderá se desvelar em trabalho de sementeira, na possibilidade de que, tendo o Homem atingido uma compreensão maior, esta clarificação se reflita nas ações do cotidiano, facilitando a outros membros da sociedade as andanças pelas profundas fendas da existência.

O substrato dessa maturidade emocional, integrado à essência do Ser, irá conduzir também a tarefa mais realizadora do Homem: o seu trabalho.

## II.

Como, então, essas duas concepções de vida se refletiriam no propósito de formar o leitor ?

Pensamos na literatura infantil. As histórias deste universo, criadas pelo homem e retidas com palavras em livros, se pensados sob o prisma cartesiano, seriam produto exclusivo da razão e, enquanto tal, dirigidas à mente infantil. Entretanto, conceituadas holisticamente, as mãos as escrevem, orientadas por um cérebro que capta as mensagens apreendidas pelos sentidos, conectadas e concretizadas pela inteireza do Ser que as concebe. Quando um escritor relata um acidente ou tenta descrever um dragão

alado, razão e emoção se fazem presentes em suas palavras, e esta totalidade posta em ação haverá de atingir o receptor também em sua plenitude.

Aceitando como correta qualquer uma dessas concepções, sempre será possível despertar o gosto pela leitura, contanto que se ofereçam “estímulos literários” à criança desde a sua mais tenra idade. Contudo, estas duas visões de mundo distintas influirão diferentemente na definição de objetivos e métodos e na escolha das ferramentas de trabalho para concretizar essa tarefa: os livros. Verdade é que, quanto melhor se domine este mister, tanto mais se é proficiente em atingir as metas estabelecidas. Ocorre que, priorizando qualquer uma dessas correntes filosóficas, o educador poderá tornar a leitura aversiva ou agradável para o aluno. Por isso, compreender, delimitar e direcionar anteriormente a nossa ação é de vital importância. Queremos formar uma “elite pensante”? Leitores “racionalistas”? Ou despertar em nossos orientandos a sensibilidade, além de ampliar seus horizontes cognitivos?

Preso que fui desse questionar, optei pelo último pressuposto. Decidida a filosofia fundamentadora e os objetivos norteadores, fui em busca dos meios para atingir os fins. E, entre as muitas e maravilhosas obras presentes na literatura moderna para crianças, deparei-me com os livros e as ilustrações de Luís Camargo. Este escritor ajudou a coroar de êxito as minhas expectativas porque, se necessitamos nos envolver em induções filosóficas e metodológicas para despertar o gosto pelo ler, é bem verdade que precisamos também conhecer a infância. Conhecimento este que, a meu ver, Luís Camargo domina com extrema perfeição e rara sensibilidade.

III.

Talvez haja um quê de absurdo na afirmação de que precisamos conhecer a infância para ensiná-la; afinal, todos fomos crianças. É no estado infantil que se encontra o germe da identidade adulta e, na maturidade, toda a história da infância. A totalidade do Ser se concretiza no binômio criança/adulto. Mas este último, com sua visão racional da realidade e seu empenho na luta pela sobrevivência, esquece-se de ser criança. Além disso, a memória embota lembranças, perde detalhes do vivido, coloca névoas no que se foi. “ Em busca do tempo perdido” podemos, nós especialistas, buscar as fontes teóricas para compreender como a criança interpreta o mundo circundante. Esse pesquisar, ainda que de grande importância por seu caráter científico, é racionalista - e cartesiano. Usado por si só dará margem a que se estabeleça uma lacuna que somente será preenchida por um ato afetivo: o de re-viver a criança, presa em nossa casca adulta. Redescobri-la pelo contato direto com os pequenos é possibilidade existente no cotidiano da prática educativa e da própria vida.

No que diz respeito à literatura devemos começar pela averiguação da forma pela qual a criança se apropria da língua, ou seja, por sua oralidade.

Diz-nos Alejo Carpentier, em seu “Los pasos perdidos”:

“Uma força me penetra lentamente pelos ouvidos, pelos poros: o idioma, (...) o idioma que falei na minha infância, o idioma que aprendi a ler e a solfejar (...). Volta-me à mente, depois de longo esquecimento, (guardado) em alguma parte com o retrato de minha mãe e uma mecha de cabelo ruivo que me cortaram quando tinha seis anos”.

Sim, a língua materna nos penetra pelos poros, pelos ouvidos. O primeiro contato da criança com o idioma é, sem dúvida, através dos acalantos, quando lhe chega a voz adulta, plena de sonoridade, e das conversas da mãe, monólogos carinhosos carregadas de “non sense” e afeto. Assim estimulado, o pequenino vai, pouco a pouco exercitando seus balbucios: a gênese da fala. Repetindo os sons, assusta-se com os mais guturais, agita-se, mexendo os bracinhos e as pernas. Observa o mundo, e ri, quando lhe é dirigida a palavra, gargalhando com os jogos sonoros do adulto. Constrói devagar uma onomatopéia ritmada e, nas suas tentativas semânticas, estrutura com as cordas vocais ainda destreinadas os embriões do idioma no qual um dia se expressará correntemente: “dá dá”, “pá pá” , “mã mã” . Simplificando os vocábulos em seus fonemas mais fortes, apropria-se das categorias gramaticais da língua: as verbais - “ da” (dê-me), “ té” (quero); as substantivas - “mamã” (mamãe), “dodói” (dor, machucado); as adjetivas - “tente” (quente), “ito” (bonito), as possessivas - “meu” , “mia” (minha). Suas construções, onde a significação já é percebida, são no máximo dissílabas: também quanto à fala, do significante ao significado, a criança engatinha antes de caminhar.

Quando consegue agrupar esses elementos, está nos oferecendo as suas primeiras frases “Té mamã” , “Nenê dodói”. Com o passar do tempo enriquecerá esse linguajar ao reorganizá-lo através da interação com os que já se apropriaram do idioma, mas sempre de uma maneira extremamente lúdica. Repete as palavras e as acompanha com gestos, pois configura nelas o símbolo. É um aprendizado pleno de movimento esse e que levará a criança a cantar musiquinhas e

cantigas simples e a amar a poesia, porque estes gêneros literários para a infância apresentam figuras de linguagem muito a seu gosto: repetição de fonemas nos vocábulos, e de palavras, no desenrolar dos versos, semelhanças de sons, rimas, ritmo, cadência - características muito presentes no âmbito da fala dos pequenos.

A criança também anima corpos sem vida: quando o menino transforma um pedaço de madeira em cavalinho, está sendo animista. E lúdico. Em sua brincadeira imita o real, enriquecendo seu jogo com a vocalização de onomatopéia: upa, upa! ploc, potoc!

O lúdico e o animista aliados à fala, à palavra, levam a criança ao mundo maravilhoso do faz-de-conta, ajudando-a a compreender e vivenciar uma realidade que, para ela, muitas vezes é estranha e amedrontadora. E é desse universo cheio de fantasia que a literatura pode e deve fazer parte.

Dirigir a criança no processo de descoberta da leitura como representação da fala, onde o real, o fantástico, o lúdico e o animista se mesclam, exigirá do adulto conhecimento prévio, mas também delicadeza. A criança, ainda intuitiva, com uma coerência própria, diferente da do adulto, tem limites e fragilidades, idiosincrasias, que necessitam e devem ser respeitados. Mas realmente precisamos usar de sensibilidade nesse fazer porque, ao contarmos histórias ou ao recomendarmos livros para os pequenos, estaremos perpetuando o processo de penetração do idioma pelos seus poros, pelos seus ouvidos, por todas as suas vias sensíveis e cognitivas. E é muito grande esta nossa responsabilidade.

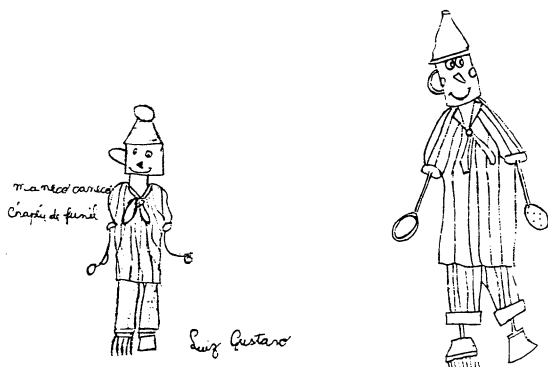
#### IV.

Luís Camargo conquista o público infantil porque usa a linguagem da criança. Mas cativa também os adultos, o que pude observar em palestras e cursos onde contei as suas histórias. Por que? Talvez a melhor maneira de responder a esta pergunta seja olhar de perto algumas de suas obras, mesmo que sem enveredar pelos cânones teóricos.

A análise que faço a seguir é em grande parte resultado de uma prática que no decorrer dos anos tem sido enriquecida e repensada pela interação com crianças em fase inicial de escolaridade, as quais conheceram as histórias de Luís Camargo através de mim.

Começemos por uma trilogia, “Maneco Caneco Chapéu de Funil “ , “Panela de Arroz” e “Bule de Café” , obras da “Coleção Lagarta Pintada” , publicada pela Editora Ática. Maneco Caneco Chapéu de Funil, o personagem principal dessas histórias, é um boneco “construído” no livro homônimo. Construções, sim, de objetos do cotidiano, de coisas que não têm mais utilidade para o adulto, esquecidas nos cantos, em desuso como a infância, perdida na memória, mas que, ao serem retomadas de forma criativa e afetuosa, se re-valorizam e adquirem vida. Uma concha, uma escumadeira, um cabide, uma pá, uma vassoura e um funil, que já não servem mais para nada, se agregam para formar um homem engraçado, o Maneco Caneco. Este esqueleto - porque possui uma estrutura interna - cria vida e se veste. Compõe seu exterior com peças de roupas achadas num armário com portas e gavetas fechadas. Este amigo das crianças, o Maneco, nos recorda a curiosidade infantil - o desvendar dos segredos - onde armários fechados podem, com a química da imaginação, se transformar no

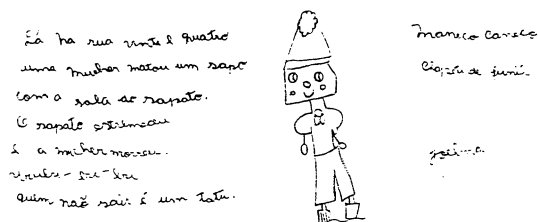
inusitado, na arca do tesouro. (Quem de nós, na infância, não sonhou viver aventuras? Quem não vestiu a roupa dos pais?) E também nos lembra o potencial lúdico das velharias - dos velhinhos deixados, nos asilos, em solidão -, vias de acesso ao mundo do faz-de-conta, sem valor de compra ou revenda, apenas o de ser feliz, como o vovô que conta histórias com o neto sobre os joelhos, imitando o trote do cavalinho alazão. Construir um boneco é valorizar o criativo, o disponível, o que está à mão, é fugir do consumismo, da alienação repetitiva dos brinquedos eletrônicos. É o "aprender a fazer", tão menosprezado, mas condição de fundamental importância para que o indivíduo venha a caminhar pelos seus próprios pés.



Duas versões do Maneco Caneco. Ambos os desenhos são de crianças com dificuldades de aprendizagem. Luís Gustavo, com 8 anos, e Jean, oriundo da APAE, com 14, cursam a segunda série do Primeiro Grau.

E como a vida é cheia de imprevistos, o inesperado pode estar ali, ao nosso alcance. Na última porta do armário está um... Leitão-Leitor. Sé é esdrúxula essa situação - um porquinho que lê -, engraçada - num armário!-, o adjetivo "leitor" não é desproposital. Significa que a leitura é um caminho cheio de surpresas e pode ser uma forma gostosa e agradável de brincar, de se divertir. A assonância desse nome duplo, cujo movimento fonético é bem próximo, concretiza uma sonoridade prazerosa - que em "Maneco Caneco" é provocada pela rima. E o Leitão-Leitor será o companheiro de aventuras do boneco em todas as histórias dessa trilogia.

Luís Camargo, ao contar a história, não se esquece de que o processo de apreensão de uma criança é mais lento que o de um adulto. Então repete, com muita paciência e graça, o nome dos objetos e do herói, explica passo a passo e com minúcias como o boneco se estrutura, como se veste, antes de colocá-lo em suas andanças com o seu novo amigo, que lê... uma parlenda, um desses versinhos quase sem nexos, mas com muita rima e cadência, que a criança adora, e que a ajuda a manipular as unidades lingüísticas.

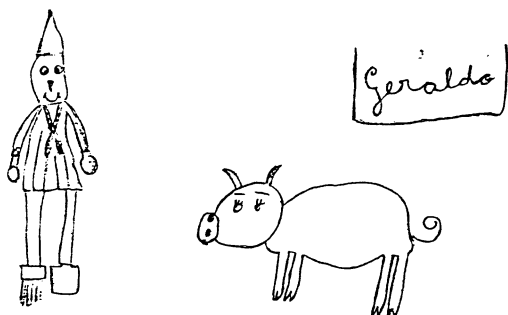


É na rua onde o quarto  
uma mulher matou um sapo  
com o pé do sapato.  
O sapato espremido  
é a mulher morada.  
viveu - se - lá  
quem não saiu é um tatu.

Maneco caneco  
Chapéu de feitiç

Joelma

Joelma, 8 anos, transcreve voluntariamente, ao lado do seu desenho, a parlenda lida pelo Leitão-Leitor.

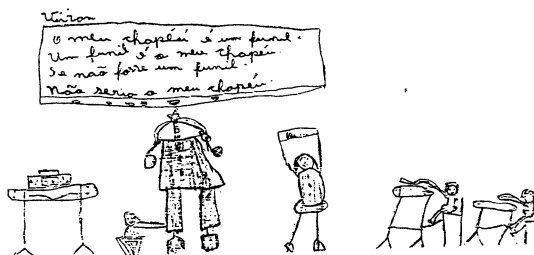


apresentado nesta segunda figura por Geraldo, 9 anos.

E o Maneco Caneco, feito gente, “animado”, vai embora cantando, no lombo do Leitão-Leitor, em busca de novas aventuras.

(Apesar de todos os elementos enriquecedores presentes nessa história, ela, se somente lida, poderá estar atingindo unicamente o racional da criança. E, além disso, uma história não se acaba quando fechamos o livro. Ela penetra em nossos ouvidos, em nossos poros, também em nossa mente, e, esquecida pela nossa vivência, se faz reescrita. Através de um segundo movimento dirigido ao conto, poderemos prolongar o processo de apreensão dos fatos da narração, “brincando a história”, por exemplo, quando à oferta do escritor se alia a criatividade do professor. Seguindo as “instruções” do livro, no decorrer da leitura oral feita por mim, vou construindo, pois, com a ajuda dos alunos, um Maneco Caneco “de verdade”. E cantamos, ao som do “Chapéu de Três Pontas”, o versinho que o boneco canta quando coloca o funil na cabeça. Imitamos com as mãos o formato deste chapéu e dançamos ao som da nossa própria voz. Marcamos o ritmo com os pés, com palmas,

formamos uma grande roda com o Maneco no meio. Repetimos a parlenda várias vezes, cada vez mais rapidamente, batendo o compasso se apropriada da história. Torna-se “dela”. Depois conversamos. Mas, para isso, ofereço-lhes novamente de relaxamento. Digo “novamente” porque é preciso silêncio e concentração para ouvir uma história. Para obter a disciplina que se impõe à realização dessa tarefa, antes de começá-la proporciono às crianças exercícios que possibilitem suavemente silêncio e concentração: respiração profunda, movimento de ombros, alongamento dos braços (espreguiçar-se) e outros, todos muito simples. No final das atividades, proponho um desenho dos personagens da história ou do que mais gostaram dela. Ofereço livros para levarem para casa. Todas as crianças querem o do Maneco Caneco Chapéu de Funil...)



Viviam, de 8 anos, registra fotograficamente um momento da “Hora do Conto”. Sou eu a figura representada, que, com os braços erguidos, mostra as ilustrações do livro. O conteúdo da página inteira é representado por uma palavra. À minha esquerda uma criança de côcoras acaba de vestir o Maneco, enquanto que, à direita, seus colegas permanecem sentados. O objeto sobre a mesa é um gravador, usado em minhas aulas para coleta de dados. Assim como as outras crianças cujos desenhos ilustram este texto, Viviam, que reproduziu espontaneamente o versinho, faz parte de uma classe considerada fraquíssima quanto ao rendimento escolar.

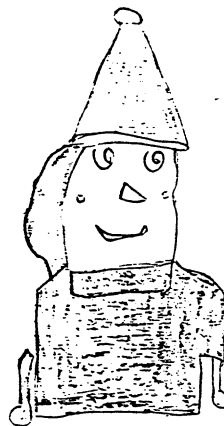
V.

E é montado no Leitão-Leitor que o Maneco Caneco reaparece, na primeira página do segundo livro, para viver mais uma aventura: "Panela de Arroz". Para contar essa história, Luís Camargo utiliza os mesmos recursos de linguagem da anterior, repetindo, como numa cantilena, palavras e frases. A "Casa do Arroz" é uma grande panela cheia de portas fechadas e sem trinco, que abrem somente se completadas as adivinhas propostas: "o que é, o que é?" (um rito de iniciação?). E, à semelhança da tragédia de Sófocles, em que a Esfinge ao propor seu enigma diz "Decifra-me ou devoro-te", como Édipo nossos heróis são bem sucedidos; e acabam "devorando" um arroz bem quentinho antes de partir. Respondendo às adivinhas, o boneco consegue entrar na "Casa do Arroz" com seu amigo (o ritual concretizado), onde os brancos grãos se transformam em alimento saboroso. Através de palavras, brincadeiras e ilustrações cheias de vida, o escritor dá a receita e as crianças aprendem de um jeito divertido e fácil a fazer arroz.

Nesse livro Luís Camargo introduz onomatopéias, e as vozes dos personagens e os ruídos dos objetos invadem as páginas sob a forma de letras agrupadas significativamente. Além desse expediente proporcionar à criança interessantes "atos de leitura", o que poderia ser mais agradável para o espírito infantil do que grãos de arroz que têm rosto, pés, mãos, que tomam banho, mergulham, brincam, e que, além de tudo, falam?

(Como atividade complementar da história, a decifração das adivinhas é por si só muito rica, pois esses enigmas populares, lúdicos, empregando analogias, exigem

raciocínio matemático para sua resolução. No esforço para alcançar tal propósito, as crianças se entretêm numa competição risonha e saudável, pois essa é a condição para que a história continue. Se a resposta demora, proponho eu mesma oferecê-la, o que é geralmente recusado. A saída é propiciar aos pequenos informações facilitadoras. Depois imitamos o arroz no banho, fritando, cozinhando, fervendo. E apesar de a história já ser então conhecida, se eu tivesse um exemplar desse título para cada uma das crianças, todas levariam para casa "Panela de Arroz".)



Alexandre

Desenho de Alexandre, 8 anos.

VI.

Maneco Caneco e o Leitão-Leitor vão embora cantando e reaparecem na terceira história: "Bule de Café". Onomatopéias e outra adivinha versificada apresentam as novas peripécias dos dois heróis. E, desta vez, um moleque bem brasileiro, o Saci, vai acompanhá-los com suas travessuras. Luís Camargo ensina agora a fazer a gostosa infusão negra, mas lembrando antes todo o seu ciclo. Então nos conta dos cafezais brotando, dos pés de café floridos e depois carregados de frutos

vermelhos, apanhados e postos a secar no terreiro. Com isso lembra o tempo moroso da natureza e evoca as pessoas simples do campo, seus costumes e suas crenças, seu valor. E mostra a rapidez do consumo quando, ao terminar a história com o Saci indo a um bar para beber café, estabelece o confronto entre o homem do campo e o da cidade, este perdendo o seu contato com a natureza. O Saci, elemento típico do mato, é uma imagem insólita no burgo. No entanto, o negrinho de uma perna só encontra “um cachorrinho, / com o rabinho em pé / chupando picolé / de café”, uma figura tão fantástica quanto ele. Este é o fim da história, um convite para que as diversas culturas se relacionem e troquem a riqueza dos seus conteúdos. As crianças da zona rural têm o direito de ouvir contos de fadas e as da zona urbana podem e devem se tornar amigas da lara e do Curupira.

(Para brincar a história, imitamos as onomatopéias: o trote do Leitão-Leitor, o barulho do trem etc. Mas é o rodoinho do Saci - quando ele aparece “com um monte de cacarecos” e de palavras soltas - que oferece a possibilidade de um verdadeiro delírio sonoro. Usando esses vocábulos e fonemas, improvisamos um samba bem brasileiro, que motiva uma batucada sobre as carteiras. E nossa “cultura sensorial”, feita de mistura de raças, move os corpos nos passos da dança que nos carrega. Cantamos:

“Ê! Pê! Perê! Pererê! Perequetê!  
Ê! Quê! Quetê! Requetê! Perequetê!  
Pac! Pac! Pac!”

Essas palavras, aparentemente oferecidas apenas com intenção lúdica devido às suas assonâncias - excetuando-se o pê e o quê, nomes de letras do alfabeto -, são, na sua

grande maioria, vocábulos bem brasileiros. “Pererê”, como sabemos, é o segundo nome do Saci. E “perequê”, um brasileirismo que quer dizer barulho - exatamente o que o negrinho de cachimbo faz com seus trecos. “Perequetê”, de origem tupi talvez, designa uma pessoa feiúra, emperquitada, saliente nos modos, o próprio Saci-Pererê. (Com uma pequena variação, “prequetê”, de pronúncia quase idêntica, é o nome de uma sandália que os índios da Amazônia usam para andar nos campos). Fazendo algumas analogias semânticas, há um peixe da família dos pomacentrídeos, chamado “querê-querê”. E querequexê ou “querequerê” é um vocábulo onomatopéico com o mesmo sentido de “reco-reco”, instrumento musical de percussão. “Reco-reco” é também o nome de dois brinquedos brasileiros que produzem sons, o “rói-rói” ou “zumbidor” e o “reque-reque”, além de significar, regionalmente, pequena festa dançante. Como é aqui que eu pretendia chegar, pois é exatamente uma festança assim que fazemos, peço desculpas pela pequena digressão que, de qualquer forma, não creio ter resultado inútil.)

## VII.

Estes três livros, onde estão presentes elementos importantes da cultura brasileira, principalmente da nossa culinária, deixavam um vazio e uma expectativa nas crianças. Elas perguntavam: “Cadê o feijão?”. E fui encontrá-lo numa história em que o Maneco Caneco aparece sem o Leitão-Leitor, publicada pela Abril Cultural, com o nome de “Folia de Feijão”. Esta obra faz parte da Coleção Taba - Histórias e Músicas Brasileiras - e vem acompanhada de um disquinho onde o narrador conta o enredo e Guarabyra canta as músicas que fez com Luís



Camargo. As canções são muito bonitas e ainda há, no fim do livro, um apêndice organizado por Ilo Krugli, com ilustrações de Michele, onde uma “Escolinha de Teatro” ensina a brincar com a natureza. Realmente, um fecho de ouro.

A história, que começa cantada, nos diz que o Maneco Caneco não pára de trabalhar nem debaixo de chuva, o que pode significar uma apologia exagerada ao trabalho. Mas esse determinismo se quebra quando o cantor explica que o boneco faz também “o que lhe der na telha”. O comentário, que dá graça e leveza ao que começa sério, mostra que no labor também está presente a vontade do homem e que as tarefas, além de úteis, podem proporcionar prazer.

E o Maneco Caneco, com todo o cuidado, prepara a terra e planta um grão. Este cresce e se transforma num pé de feijão. Uma sementinha do novo arbusto, que possuía um espaço bom e confortável, sente que este casulo se tornou pequeno para ela, resolvendo aventurar-se pelo mundo à procura de um outro lugar para viver. Nessa busca estão implícitos dois grandes significados. O primeiro deles é que esse é o caminho de todo ser humano. A criança sabe que um dia terá que cortar o cordão umbilical, soltar suas amarras, ganhar presente a incitação ao crescimento psicológico, numa rejeição ao perpetuamento do egocentrismo. O ato de soltar-se do pé de feijão - da mãe - indica que, para o ciclo existencial se completar, é preciso aceitar a responsabilidade pela própria vida, que terá sua realização plena em tempo e lugar próprios, embora ainda desconhecidos. E o segundo é uma mensagem de otimismo ao fortalecer a idéia esperançosa de que, em algum ponto do mundo, sempre haverá um local reservado para cada um de nós. No entanto, a natureza delimita

os ambientes e o faz com sabedoria. É preciso respeitar os limites do outro. Este pressuposto fica claro quando o grãozinho, rolando para conhecer o mundo e encontrar um lugar ao sol para se estabelecer, pergunta à minhoca, ao tatu bola, à formiga, ao rio e ao bagre branco quais são os espaços deles e descobre que nenhum dos que eles ocupam pode ser o seu. É uma linda lição de ecologia essa: se não há agressão à natureza, todos os seres que vivem nela têm direito à confraternização, à “Festa da Terra”. Quando o feijão-personagem finalmente encontra o seu canto e se reproduz - torna-se Homem - rola para o lugar onde “tinha folia, festa, festança, e feira de vender as coisas que o povo faz”. Mas se na “Festa da Terra” a cultura do povo e o trabalho são valorizados, o espaço das crianças também é levado em conta: lá havia muitas, “rolando pneu, rodando pião, brincando na terra”.

Rolar é o verbo de que Luís Camargo mais se utiliza em toda essa história, evidenciando assim a atividade da vida no seio da natureza. Vida é movimento; música, animação. Vivaz a incessante energia da criança e do Cosmo. Todo este dinamismo incita a fugir da acomodação, a lutar contra os processos inertes e paralisantes.

É num prato, no meio da festança, que os feijões - simbolizando desta maneira o alimento para o corpo -, os heróis da história - o alimento para o espírito -, encontram espaço para brincar. Mas um viva ao Maneco Caneco, que chega humilde e sem graça, aplaudido por ter plantado o primeiro grãozinho que se multiplicou em tantos, mostra que não somos filhos do nada e que é preciso manter o vínculo com a gênese: as nossas origens. O boneco, que aqui a representa, feito pelas mãos e pela inteligência (corpo/cérebro) do Homem - o

Escritor - com simplicidade de infância, ao adquirir alma e produzir ("sentimento/racionalidade", "imaginação/realismo"), integra a totalidade holística, indivisível, do Ser.

Há obstáculos, empecilhos, dificuldades imprevistas para quem assume a coragem de caminhar. E na "Ladeira do Rola-e-Cai, ai, ai", O Maneco Caneco tropeça e derruba os feijões que trazia para "nós" - sementes de esperança -, os quais, ainda assim, a rolar, na perpetuação do eterno ciclo da vida, vão cantando "A Folia da Terra".

(Como não sou uma contadora de histórias de épocas passadas, aproveito o progresso da tecnologia. Coloco o disco na vitrola e deixo que o narrador passe a sua mensagem, enquanto mostro, em silêncio, as ilustrações do livro. Depois treinamos as músicas, cada criança com a letra delas nas mãos. Coloco de novo o disco para funcionar e, então, com mímica, imitamos, pedaço por pedaço, a narração. Se uma música começa, nós a cantamos e dançamos segundo o seu ritmo. Podemos usar lenços para dar leveza aos nossos movimentos. E para descansar da "festa" - a última música tem um ritmo bem nordestino, de forró-baião, arrasta-pé - imitamos o feijão que dorme, encolhido na terra, e que se espreguiça ao acordar. Olhamos o céu, as árvores, o chão, procuramos ouvir sons da natureza, tocar as folhas, sentir os cheiros, as coisas da Mãe-Terra.)

## VIII.

Luís Camargo agrada à pedagoga-leitora que sou e à criança que em mim reside. Ele tem um jeito bem brasileiro de ver e de sentir a vida, maneando o idioma, a narrativa

e as ilustrações de forma animista, lúdica e sensível, usando uma linguagem carregada de significação semântica e psicológica, que fala de perto à infância; como artista, quando escreve e desenha, é também uma criança. E este talvez seja o melhor elogio que eu posso lhe conferir.

Este ensaio foi elaborado a título de apoio à Oficina que, levando o mesmo nome, foi por mim oferecida no 8<sup>a</sup> COLE (Congresso de Leitura do Brasil, na UNICAMP, em julho de 1991. Por esse motivo sua estrutura apresenta um teor discursivo, o qual preferi manter para publicação. Esta escolha, entretanto, a meu ver demanda duas observações:

- Os pressupostos sobre a filosofia holística que fundamentam o trabalho baseiam-se nas idéias de Fritjof CAPRA, presentes em sua obra "O ponto de mutação: a sociedade e a cultura emergente" (São Paulo, Cultrix, 1986).

- As palavras de Alejo Carpentier citadas no texto foram retiradas do livro de Enrique DUSSEL, "Para uma ética da libertação latino-americana: erótica e pedagógica" (Piracicaba, UNIMEP, s/d), página 156.